



CONCENTRAÇÃO E AGLOMERAÇÕES INDUSTRIAIS DO ESTADO DA BAHIA NO PERÍODO 2010-2019: Uma abordagem à luz do Quociente Locacional

Eixo Temático: GT “2” – Macroeconomia, Economia Internacional, Economia Brasileira, Economia Regional e Economia Baiana

Gesner Brehmer de Araújo Silva¹

Resumo

Os motivos que levam à concentração de atividades produtivas em um determinado espaço sempre foi um objeto de pesquisa relevante para a ciência econômica regional. Deste modo, este artigo tem por objetivo estudar e analisar as concentrações e aglomerações produtivas industriais do estado da Bahia nos anos de 2010 e 2019 à luz da metodologia do Quociente Locacional (QL) que, dentre outros resultados, consegue analisar comparar as estruturas produtivas de uma região e elencar as mais relevantes. Os resultados obtidos evidenciam que não ocorreram mudanças significativas no período em relação às concentrações aglomerações produtivas das mesorregiões da Bahia.

Palavras-chave: Aglomerações Produtivas; Quociente Locacional; Economia Baiana

1. Introdução

A compreensão do processo de desenvolvimento econômico de um país, região, estado ou município pode ser entendida como uma questão essencial para entender como essas economias crescem e se estabilizam ao longo de um determinado horizonte temporal. Conforme apontam Wanderley e Lages (2004), os pressupostos do desenvolvimento se dão no sentido de inferir tanto o crescimento dos fatores produtivos de uma economia específica quanto na distribuição social deste produto que, por conseguinte, refletirão em debates relacionados ao processo de geração de emprego, bem como o de renda.

Dentre a gama de abordagens teóricas-conceituais que estudam o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento regional tem ganho importância ao longo dos últimos anos por incorrer dentro do seu método de análise, as particularidades

¹ Doutorando em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Planejamento Territorial e Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: gesnerbrehmer@hotmail.com



em relação aos diferentes processos socioeconômicos de cada região estudada, quanto ao que Lima (2005) destaca como o papel que o Estado desempenha em propor este desenvolvimento, com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais.

No que concerne a estas particularidades socioeconômicas de cada região estudada, o papel que a indústria exerce não pode ser menosprezado como um dos principais vetores na promoção do desenvolvimento econômico regional, seja no sentido da produção ou nos seus desdobramentos, conceituado por Lefebvre (2001) como circuito da produção (distribuição, circulação e consumo).

Autores como Myrdal, Hirschman, Perroux, Marshall e Porter também difundiram importantes contribuições no que se refere à relação entre indústria e desenvolvimento econômico. Ainda que com bases teóricas e contextos distintos cada um desses autores propôs relevantes conceitos que, *a posteriori*, serviram como referência ao estudo da indústria enquanto vetor de desenvolvimento de uma região.

Dentre as inúmeras abordagens disponíveis para a realização da análise do desenvolvimento regional, uma das mais utilizáveis é o quociente locacional (QL). Como destacam Almas e Souto (2022, p.141):

Com base no cálculo do QL é possível comparar a estrutura econômica entre duas regiões diferentes. Assim, caso o resultado seja maior que a unidade, isto significa que a economia da região *j* é mais especializada no setor *i* do que na região de referência. No caso de ser inferior à unidade, ocorre o contrário: a economia da região é menos especializada no setor *i* do que na região de referência.

Com efeito, este artigo tem por finalidade calcular o quociente locacional (QL) para as mesorregiões da Bahia no intervalo entre 2010-2019 de modo a identificar as aglomerações produtivas do setor industrial na Bahia e, *a posteriori*, analisá-los para a compreensão e formulação de possíveis políticas de desenvolvimento regional para a Bahia nos anos futuros.

Este artigo está dividido em três seções além desta introdução. Na primeira, discorre-se sobre alguns dos aspectos teóricos mais relevantes relacionados com a indústria e a economia regional; a segunda tratará sobre a trajetória e a caracterização da indústria na economia baiana até os dias atuais e, por fim, a terceira versará sobre a



apresentação da metodologia empregada para o cálculo do quociente locacional a base de dados utilizada, os resultados e a sua interpretação. Por último, as considerações finais.

2. Aspectos Teóricos da Economia Regional

O objetivo principal desta seção é de apresentar aspectos teóricos da economia regional que estabelecem relações entre o setor industrial e a aglomeração produtiva e econômica em uma determinada localidade ou região. Neste sentido, alguns teóricos se destacam a partir do final do século XIX e início do século XX para compreender as realidades regionais dos países/regiões em que viviam.

2.1 Os polos de Crescimento de Perroux

Ao observar concentração industrial ao redor de Paris e no Vale do Ruhr, em 1955, o economista francês François Perroux formulou sua contribuição mais importante para a teoria locacional: a teoria dos polos de crescimento. Essa teoria possui uma forte conexão geográfica visto que, é produto das economias de aglomeração geradas pelos complexos industriais, que são liderados pelas indústrias motrizes. Segundo Souza (2005, p.33), um complexo industrial:

[...] é um conjunto de atividades ligadas por relações de insumo-produto. Ele forma um polo de crescimento quando for liderado por uma ou mais indústrias motrizes; e ele se tornará um polo de desenvolvimento quando provocar transformações estruturais e expandir o produto e o emprego no meio em que está inserido.

Conforme Perroux (1967), o crescimento econômico de uma região não acontece de maneira uniforme, mas sim de maneira irregular, com manifestações e intensidades variadas em pontos (ou polos) de crescimento, propagando-se também por vias diferentes e com variedade de efeitos finais na economia. Calcado nestas proposições, Perroux introduz três conceitos para compreender a sua Teoria dos Polos de Crescimento: indústria-motriz, regime não concorrencial do complexo e concentração territorial do complexo.

Para que uma indústria seja considerada motriz, dentro de um território ela deve obedecer aos seguintes pré-requisitos: i) ser líder do complexo de atividades; ii) crescer a uma taxa superior à média da indústria nacional; iii) possuir forte conexões locais de



insumo-produto por meio das relações de compra e venda; iv) possuir atividade considerada inovadora e possivelmente de grande dimensão ou estrutura oligopolista; v) grande poder de mercado com a capacidade de influenciar tanto o nível de preços quanto dos produtos finais, como também dos insumos e; vi) produzir em larga escala para o mercado nacional e internacional.

O polo de crescimento é uma unidade econômica motriz ou um conjunto formado por várias dessas unidades que exercem efeitos de expansão, para cima e para baixo, sobre outras unidades que com ela estão em relação. Vale salientar que, para Perroux (1967), a noção de polo só tem valor a partir do momento em que se torna instrumento de análise e meio de ação de política, ou seja, o polo só pode ser entendido como uma visão abstrata do espaço (SIMÕES; LIMA, 2009).

Nos polos de crescimento, as indústrias fazem trocas de relações de produção entre elas, com localização próxima uma das outras para minimização dos custos de transporte gerando, assim, o regime não-concorrencial do complexo. A polarização técnica e o regime não concorrencial levam a uma concentração territorial do complexo de forma geográfica, uma vez que as indústrias ficam próximas umas das outras e produzem efeitos como o aumento da concentração urbana, diversificação do perfil de consumo, necessidade de aumento da moradia, serviços públicos e transporte (para os trabalhadores do polo) e rendas de localização.

Em face do exposto, a teoria de Perroux é resumida entre o polo de crescimento, ou o conjunto formado por uma indústria motriz, e outras empresas complementares que estabelecem relações interindustriais umas com as outras, e a teoria da localização com enfoque nas economias de aglomeração, ou seja, a concentração de atividades produtivas ou de atividades econômicas em uma determinada região do espaço geográfico, que reverberam e transformam profundamente essa região.

2.2 Os encadeamentos e aglomerações de Hirschman e Marshall

Os principais expoentes do desenvolvimento econômico regional via encadeamentos e aglomerações foram o economista alemão Albert Hirschman e o economista inglês Alfred Marshall, que consideravam as explicações dadas pelas teorias de desenvolvimento regional até então para o desenvolvimento de uma nação, insuficientes. No tocante à Hirschman, as teorias tradicionais não traduziam a realidade



única de cada país, mas homogeneizavam o desenvolvimento em princípios únicos. Como destaca Ocampo (2013, p. 21):

[...] a originalidade da obra de Hirschman consistiu em ressaltar que os pressupostos implícitos no “desenvolvimento equilibrado” não eram realistas, precisamente porque se supõe a possibilidade de um país em desenvolvimento pôr em marcha políticas que estavam além das suas capacidades. Nas suas próprias palavras, a aplicação do conceito de desenvolvimento equilibrado “requer quantidades imensas daquelas habilidades que temos identificado como disponíveis provavelmente em quantidades muito limitadas nos países subdesenvolvidos”. Como alternativa, ele formulou uma visão do processo de desenvolvimento como uma *sequência de desequilíbrios*. Isto implica em que as soluções para os problemas do desenvolvimento são *sequenciais* mais do que *simultâneas*.

Para Hirschman (1961), só é possível analisar o início do processo de desenvolvimento uma nação/região se análise da dinâmica de retroalimentação for considerada. Esta dinâmica acontece com a identificação dos potenciais habilidades e especificidades de cada nação (ou região) estudada para em seguida, elencar as principais necessidades da região a serem supridas gradualmente.

Nesse sentido, para o referido autor, a política mais importante para a promoção do processo de desenvolvimento de uma determinada localidade seria o estímulo a um processo de industrialização por meio dos encadeamentos “para a frente” e “para atrás”. Segundo Maluf (2015, p. 55-56):

[...] o mecanismo dos encadeamentos “para a frente” e “para trás” (*forward and backward linkages*), inicialmente limitado aos elos entre uma determinada atividade e aquelas que a antecedem (aprovisionamento de insumos) e a sucedem (utilização do produto). A atuação do mecanismo foi ampliada de modo a incluir os encadeamentos “externos” que incorporam novos agentes em novas atividades e a oferta de bens públicos pelo Estado, e também os encadeamentos “generalizados” potencializadores do desenvolvimento e determinantes das decisões de investimento.

Com efeito, pela análise de Hirschman caso os países que ainda não tivessem começado o seu processo de industrialização resolvessem iniciar este processo, deveriam focar em políticas de estímulo à industrialização com encadeamentos para trás, estimulando setores da economia que forneciam matérias-primas para as atividades industriais. Essa proposição era totalmente diferente das recomendações das teorias de desenvolvimento que imperavam na época, de estímulos à industrialização em setores líderes, e que estes puxariam o desenvolvimento dos demais setores da economia.

Hirschman interessava-se pelos efeitos indutores embutidos no mecanismo de encadeamento, essencialmente a indução de “decisões de desenvolvimento”



(investimento). O mecanismo de indução adquire especial relevância em presença do fenômeno da convergência quando uma atividade específica ou uma mercadoria particular são capazes de atuar como uma “conspiração multidimensional” em favor do desenvolvimento, em um dado contexto histórico e sociopolítico, colocando-se como parceiras de um novo modo de produção (MALUF, 2015).

Não obstante, na análise de Hirschman, os encadeamentos geram padrões de crescimento e desenvolvimento desequilibrado entre países e /ou regiões. A dinâmica do desenvolvimento só pode ser entendida como um movimento que gera padrões de crescimento desequilibrado e desigual. O desenvolvimento não é um processo sequencial, mas uma dinâmica simultânea de enfrentamento de vários desafios e especificidades que os países/regiões apresentam.

Já a argumentação central das pesquisas de Marshall (1982) partia da ideia de que um sistema de aglomeração de indústrias (os *clusters*) em uma determinada região que está envolvida em atividades de produção similares, gera um conjunto de vantagens econômicas chamadas de “economias externas marshalianas”. Essas vantagens são frutos da própria divisão do trabalho entre os produtores de um mesmo setor industrial e de uma mesma região geográfica.

Para que as vantagens ocorram dentro das aglomerações industriais, é necessário que os sistemas sociais e econômicos atuem em sintonia fina em um processo de influência mútua, ao criar o que Marshall chama de “atmosfera” industrial, contexto em que tanto as aglomerações industriais quanto a sociedade composta por empresários, trabalhadores e residentes de uma mesma área geográfica, coexistem e crescem ao redor das firmas que compõem a aglomeração industrial (denominada também de distrito industrial marshaliano).

É importante dizer que essas abordagens de aglomeração industrial se baseiam em trazer a análise para além de uma teoria locacional, relacionar as interações socioeconômicas entre firmas e entre sociedades dentro de um espaço locacional ou de estudos disciplinares em que os distritos industriais não podem ser explicados apenas pura e simplesmente pelos fatores econômicos.

Em face disso, os elementos característicos de uma configuração ideal típica de aglomeração industrial são colocados em três dimensões: i) divisão do trabalho entre as



firmas do distrito, que promovem altos níveis de flexibilidade e de produtividade, principalmente na medida em que as empresas agrupadas frequentemente são especializadas em apenas uma etapa do processo de produção dentro daquele ramo industrial em que o distrito se especializou; ii) um meio social distinto que inclui desde uma rede institucional local ou meio institucional como associações comerciais e empresariais, instituições de ensino, órgãos governamentais de fomento etc., até práticas e atributos culturais ou cultura local como a aptidão hereditária de Marshall, a confiança entre firmas, trabalhadores e gerentes e etc. iii) a rede que inclui tanto os laços horizontais quanto os laços verticais para frente e para trás (KELLER, 2008).

Em face do exposto, o objetivo desta seção foi apresentar alguns aspectos teóricos relevantes da análise do desenvolvimento regional com enfoque no papel da indústria neste processo. Tanto as ideias de Perroux quanto as de Marshall e Hirschman exerceram influência significativa na formulação de políticas de desenvolvimento regional em várias regiões ao redor do mundo e em diferentes períodos de tempo, como no caso da Bahia, a ser exibido na próxima seção deste artigo.

3. Economia Baiana: Da Industrialização aos dias atuais

A Bahia é um Estado com um papel relevante na formação histórica e econômica do Brasil. Graças ao ponto de chegada dos portugueses, as primeiras incursões de povoamento não indígena ocorreram no litoral do Estado (TAVARES, 1974). Conforme salientam Pessoti e Sampaio (2009), já desde o século XIX, a então Província da Bahia já possuía uma estrutura industrial baseada, predominantemente, no ramo têxtil sendo, também, encontradas fábricas de charutos, sabonetes e do ramo metalúrgico. Conquanto, esta “indústria nascente” tinha pouco impacto na economia baiana, face à pujança da economia cacaueteira como principal fonte de desenvolvimento econômico do estado e da política nacional voltada, precipuamente, para a cafeicultura.

A característica predominantemente agrária da economia baiana pautada em uma estrutura fundiária de grandes propriedades de cultivo extensivo com níveis mínimos de tecnologia e de produtividade e voltadas principalmente à exportação, predominou até a segunda metade do século XX, o que levou a Bahia a passar um processo de estagnação econômica e perda de participação na geração de riqueza nas economias brasileiras e nordestinas, o que motivou tanto políticos quanto acadêmicos locais a debaterem e



analisarem as causas desse processo, na busca de romper esta estagnação e promover um novo ciclo de desenvolvimento no estado. Esse processo de estagnação foi celebrenemente conhecido como o “enigma baiano”.

De acordo com Alcoforado (2003), as conclusões do enigma baiano apontavam que a Bahia, dentre outros aspectos, apresentava problemas relacionados com a infraestrutura que impediam a integração dos mercados internos, a baixa produtividade e dinamismo industrial do estado, agravada pela proximidade da Bahia com o estado de São Paulo (que possuía indústrias mais desenvolvidas e dinâmicas), além da expressiva crise no setor agroexportador (sobretudo o açucareiro). A “solução” do enigma segundo Aguiar (1958) evidenciava a capacidade do estado de se industrializar por intermédio de uma política de planejamento e mobilização da sociedade em prol destas políticas.

Segundo as ponderações de Guerra e Teixeira (2000) e Cavalcante (2008), somente a partir dos anos 1950 que o fomento à indústria passou a ser retomado a partir de intervenções estatais planejadas mormente na Região Metropolitana de Salvador (RMS), assim como a oferta de terrenos infraestruturados e incentivos fiscais, dos quais emergiram obras importantes e históricas para a industrialização baiana nas décadas seguintes, tais como: Refinaria Landulpho Alves, Centro Industrial de Aratu (CIA), Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e o Centro Industrial do Subaé (CIS).

Uderman (2005) e Pessoti e Pessoti(2010) destacam que, a partir dos empreendimentos acima citados, ocorreu uma profunda mudança no modelo de estrutura produtiva da economia baiana, que perdeu de vez a feição de economia pautada na agro exportação e ganha a face do desenvolvimento pautado na indústria de bens de consumo intermediários, principalmente nos setores siderúrgico-metalúrgico e petroquímico, cujo principal foco era servir a atividade complementar às dinâmicas industriais do Sudeste do país.

Esse modelo de industrialização sofreu, nos anos 1980 e 1990, fortes impactos devido à ausência do apoio estatal na dinâmica das economias menos favorecidas, por efeito da crise da inflação, o que acabou por resultar na abertura para os investimentos estrangeiros apoiados na concessão dos subsídios fiscais. Isso levou o governo do estado a pensar em novas alternativas e estratégias para o estímulo do desenvolvimento industrial.



Tais estratégias, em conformidade com Balanco e Nascimento (2005) e Menezes (2000), foram baseadas ao longo de toda a década de 1990 tanto na organização das contas públicas (permitindo que a Bahia tivesse acesso aos financiamentos de instituições para a execução de obras de infraestrutura econômica) quanto em programas fiscais, como o PROBAHIA e o DESENVOLVE, que buscavam atrair indústrias de diversos setores para o estado por meio de benefícios fiscais e financeiros, tornando a indústria baiana mais complexa com, por exemplo, a implantação do Polo de Informática de Ilhéus.

Nos anos 2000, em cenário nacional, observa-se o prosseguimento da conjuntura econômica e política da década anterior, ou seja, uma política econômica nacional propensa à redução da máquina pública, principalmente a partir das privatizações e a proteção da moeda contra as desvalorizações cambiais com o aumento das taxas de juros no início da década para combater as crises econômicas iniciais da Rússia, México e Argentina.

Os impactos da conjunta nacional foram bastante sentidos na Bahia, essencialmente na limitação do crédito de longo prazo, o que afetou diretamente os setores de serviços e da indústria (grandes tomadores desse recurso) e com a tentativa, por parte do governo do estado, de estabelecer uma mudança de foco da política industrial de desenvolvimento voltada à produção de veículos, fertilizantes e celulose, dos quais se destacam a instalação das primeiras indústrias de bens finais na Bahia (Ford), em 2001, e da Monsanto e Veracel em anos anteriores, que buscava adensar a cadeia produtiva local.

Não obstante, mesmo com essas tentativas, a lógica da economia industrial baiana continua atrelada a um modelo quase inalterado, que se destina à produção de bens de consumo intermediários baseados na pujança do setor químico e petroquímico. Esses ramos industriais, ao longo da primeira década do século XXI, transpassam por problemas de competitividade e dificuldade de exportações, tal como discutem Filgueiras *et al.* (2012) e Carvalho Júnior *et al.* (2012) em relação aos efeitos da desindustrialização da economia brasileira na economia baiana, uma vez que faz parte da divisão do trabalho nacional, e integra-se a ela como uma economia produtora de *commodities* e de bens industrializados intermediários para o mercado nacional e internacional reforçando, assim, o processo de desindustrialização sofrido pela economia brasileira, inibindo possíveis mudanças estruturais industriais atreladas aos novos modos de produção da terceira revolução industrial em ambas as economias.



No início da segunda década do século XXI, a indústria baiana continuou a passar por dificuldades para a continuação de um processo de competitividade com o enfraquecimento da cadeia química e petroquímica, da qual merece destaque: a venda da Refinaria Landulpho Alves para um fundo de investimentos árabe; o processo de hibernação da Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados da Bahia (Fafen-Ba) e da dependência de nafta da planta industrial da Braskem, que dificultou a propensão de novos investimentos de longo prazo para a cadeia petroquímica e o anúncio do encerramento das atividades da Ford no Brasil, que impacta diretamente a economia baiana tanto em termos empregatícios, quanto na cadeia da produção automobilística, de modo a gerar dúvidas acerca do futuro da indústria baiana na continuação do século XXI.

Em relação aos principais indicadores conjunturais, a Tabela 1 evidencia o Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes do Brasil, do Nordeste e da Bahia nos anos de 2005, 2010, 2015 e 2019 e as referidas participações das duas últimas em relação à produção nacional.

Os dados destacados mostram que, no período observado, a participação da economia baiana no PIB nacional apresentou uma leve queda de 0,10% (4,07 % em 2005 para 3,97% em 2019). A respeito da participação no PIB da região Nordeste, também a economia teve redução se forem comparados os anos de 2005, quando respondia por 31,22%, para 27,99 % em 2019.

Mesmo diante das quedas enfatizadas no período observado, a economia baiana mostra bastante dinamismo, uma vez que é responsável por aproximadamente 4% da produção nacional e 28% da produção regional.

Tabela 1 - Produto Interno Bruto (PIB) a preços correntes - R\$(mil) do Brasil, Nordeste e Bahia nos anos 2005, 2010, 2015, 2019 e percentuais de participação

Região	Ano							
	2005	Part (%)	2010	Part (%)	2015	Part (%)	2019	Part (%)
Brasil	2.170.584.503	100	3.885.847.000	100	5.995.787.000	100	7.389.131.000	100
Nordeste	282.846.495	13,03	522.769.315	13,45	848.579.383	14,15	1.047.765.997	14,18
Bahia (BR)	88.291.883	4,07	154.419.547	3,97	245.043.690	4,09	293.240.504	3,97
Bahia (NE)	88.291.883	31,22	154.419.547	29,54	245.043.690	28,88	293.240.504	27,99

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaboração Própria.



Em relação aos dados referentes ao emprego da Bahia por setores de atividades econômicas no período entre janeiro e abril de 2022. No período observado, a liderança pertence ao setor de serviços, respondendo por 47, 4% dos empregos baianos, além de liderar tanto em admissões (130.556) quanto nos desligados (107.374), o que configura um saldo positivo de 23.182 empregos, com variação positiva de 2,7%. Outro setor de relevância positiva é o de construção, com 45.444 admissões e 33.033 desligamentos, com saldo positivo de 12.441 empregos e variação positiva de 9,8%. Os destaques negativos ficam por conta do comércio e do ramo de eletricidade e gás, que apresentaram saldo negativos no período observado.

Tabela 2 - Bahia: Emprego por Setores da Economia 2022 (Janeiro-Abril).

Grande Grupamento	Admitidos	Desligados	Saldo	%	Estoque	%
Serviços	130.556	107.374	23.182	2,7	873.541	47,4
Comércio	61.930	62.843	(913)	(0,2)	447.820	24,3
Ind. de Transformação	31.023	23.767	7.256	3,3	228.351	12,4
Construção	45.444	33.033	12.441	9,8	138.752	7,5
Agropecuária	19.071	16.727	2.344	2,2	109.152	5,9
Água, Esgoto, Gestão de Resíduos e derivados	2.375	2.047	328	1,5	21.847	1,2
Indústrias Extrativas	2.058	1.106	952	5,5	18.214	1,0
Eletricidade e Gás	148	216	(68)	(1,2)	5.467	0,3
Total	292.605	247.113	45.492	2,5	1.843.144	

Fonte: RAIS (2021).

Por fim, a Tabela 3 apresenta os principais indicadores econômicos por mesorregiões do estado da Bahia, dentre os quais merecem destaque o PIB das mesorregiões, o PIB *per capita*, a população e a sua participação em relação ao estado. Vale frisar que a mesorregião metropolitana de Salvador tem tanto o maior PIB quanto o PIB *per capita*, corroborando com os estudos anteriormente citados neste trabalho.



Sobre as mesorregiões baianas, os estudos de Wanderley *et al.* (2014) ressaltam que as mesorregiões do extremo-oeste se destacam pela pujança de suas lavouras de grãos, cocos e bananas. Já as mesorregiões do vale são-franciscano e nordeste baiano são relevantes na criação e produção pecuária de ovinos e caprinos. A centro-norte tem destaque pela produção de aves, suínos, sisal e calçados, ao passo que no sul baiano as atividades econômicas mais relevantes são relacionadas à produção de cacau e derivados, além do polo informático. Já a mesorregião centro-sul tem relevância pela produção de piaçava, dendê e cacau. Vale frisar a expressiva produção de cana-de açúcar e derivados das mesorregiões do vale são-franciscano e do sul baiano.

Tabela 4 - Indicadores Econômicos das Mesorregiões da Bahia (2019).

Mesorregiões	Total de Municípios	Área em km ²	Pop. (Mil hab.)	Part. Pop. no Estado (%)	PIB (R\$ bilhões)	PIB <i>per capita</i> (R\$)
1.Metropolitana de Salvador	38	11.241,060	4.601,273	30,82	131.361,534	28.548,95
2.Centro-norte Baiano	80	81.354,221	2.358,073	15,79	36.746,106	15.583,107
3.Nordeste Baiano	60	56.335,147	1.624,932	10,88	19.403,622	11.941,190
4.Centro-Sul Baiano	118	128.472,72	2.534,572	16,98	32.553,932	12.843,956
5.Sul Baiano	70	54.642,35	2.074,548	13,89	35.668,108	17.193,194
6.Extremo-Oeste Baiano	24	116.786,918	643.487	4,31	21.468,395	33.362,593
7.Vale São-Franciscano	27	115.860,250	1.036,299	6,94	16.038,806	15.477,006

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2019).

4. Análise de Concentração e Aglomerações Industriais no Estado da Bahia no período 2010-2019



As análises e conclusões obtidas nas seções anteriores deste artigo contribuíram para estabelecer um diagnóstico geral bastante atual da economia baiana, como também acerca da situação que envolve a indústria baiana no mesmo período observado e suas principais características, além de fornecer um importante pano de fundo teórico para a compreensão do papel da indústria no desenvolvimento regional.

Isto posto, para a análise de concentração e aglomerações industriais da Bahia no período observado, este artigo se utilizará nesta seção, da metodologia do Quociente Locacional (QL), bem como a base de dados utilizada e a análise dos resultados obtidos.

Sobre o Quociente Locacional (QL), de acordo com Porsse e Vale (2020), compara a participação percentual de um setor específico em uma determinada região com a participação da mesma região no total do emprego da economia nacional. Matematicamente, a fórmula é descrita por:

$$QL = \frac{E_{ij}/E_i}{E_j/E_{..}}$$

Sendo:

E_{ij} → emprego do setor i na região j

E_j → $\sum_i E_{ij}$ → emprego total na região j

E_i → $\sum_j E_{ij}$ → emprego total no setor i em todas as regiões

$E_{..}$ → $\sum_i \sum_j E_{ij}$ → emprego total de todos os setores em todas as regiões

A interpretação do quociente locacional tem como valor referência a unidade (1). Se $QL > 1$, a economia da região estudada é relativamente mais especializada naquele setor que na região de referência, além de estar relativamente concentrado naquela unidade territorial em relação à região de referência.

Em caso do $QL < 1$, a relação é inversa: a economia da região estudada é menos especializada naquele setor que na região de referência, além do setor não estar relativamente concentrado na unidade territorial em relação à região de referência.

Neste estudo, a região de referência será o estado da Bahia nos anos de 2010 e 2019, as regiões j serão as sete mesorregiões do estado (Extremo Oeste Baiano, Vale São-Franciscano, Centro Norte Baiano, Nordeste Baiano, Metropolitana de Salvador, Centro Sul Baiano e Sul Baiano). A variável base para o cálculo do quociente locacional será o



emprego industrial da indústria de transformação retirado da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), evidenciados a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Em face do exposto, para melhor compreensão da análise proposta por este artigo, a Tabela 1 salienta o quociente locacional (QL) para os setores da indústria de transformação das sete mesorregiões da Bahia no ano de 2010.

Tabela 1 - Quociente locacional (QL) da indústria de transformação por mesorregiões da Bahia (2010)

CNAE 2.0 Div	Extremo Oeste Baiano	Vale São-Franciscano da Bahia	Centro Norte Baiano	Nordeste Baiano	Metropolitana de Salvador	Centro Sul Baiano	Sul Baiano
Artigos de Vestuário e Acessórios	0,34	0,39	0,98	0,28	0,78	0,86	2,76
Bebidas	0,12	1,10	0,64	3,17	1,32	0,39	0,52
Celulose, Papel e Produtos de Papel	0,07	0,13	1,42	0,07	0,97	0,05	3,06
Coque, Derivados de Petróleo e de Biocombustíveis	0,04	0,44	0,08	2,24	1,90	0,06	0,16
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	0,02	0,00	0,01	0,11	0,98	0,04	5,08
Máquinas e Equipamentos	0,58	0,11	1,05	0,02	1,60	0,27	0,62
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,00	0,83	3,45	0,03	0,89	0,02	0,44
Fabricação de Móveis	0,64	0,26	1,05	0,24	1,47	0,50	0,57
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	1,32	0,00	1,45	0,10	1,15	0,65	1,01
Produtos Alimentícios	3,37	4,55	1,15	0,74	0,58	0,73	1,74



Produtos de Borracha e Material Plástico	0,52	0,12	1,38	0,07	1,45	0,43	0,45
Produtos de Madeira	0,71	0,45	0,64	2,10	0,65	0,52	3,48
Produtos de Metal, exceto Máquinas e Equipamentos	3,02	0,20	0,76	0,24	1,58	0,32	0,40
Produtos Minerais não-metálicos	0,87	1,02	0,96	1,63	0,92	1,09	0,96
Produtos Diversos	0,47	1,41	1,63	0,18	1,20	0,43	0,71
Produtos do Fumo	0,00	0,00	1,61	0,32	1,48	0,00	0,78
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	0,00	0,00	1,65	0,06	1,59	0,00	0,40
Produtos Químicos	1,12	0,02	0,33	0,17	1,91	0,27	0,23
Produtos Têxteis	1,11	0,11	0,77	4,05	1,10	0,40	0,82
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	0,13	0,14	1,16	0,09	1,79	0,07	0,07
Impressão e reprodução de gravações	1,72	1,25	0,58	0,29	1,48	0,39	0,91
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	0,46	0,13	0,30	0,37	1,89	0,06	0,74
Metalurgia	0,01	0,03	1,04	0,23	1,82	0,13	0,03
Preparação de Couros e artefatos para viagem e calçados	0,00	0,35	1,12	1,87	0,18	3,04	0,35

Fonte: Elaboração Própria a partir de RAIS (2010).



A respeito dos dados da Tabela 1, são notórias algumas características históricas da estrutura produtiva da economia baiana para o ano de 2010. Na mesorregião do Extremo Oeste Baiano, predomina a alta concentração e especialização industrial na produção de produtos alimentícios e na produção de metal, exceto máquinas e equipamentos, com QLS muito acima de 1, o que demonstra que a estrutura setorial da mesorregião é relativamente mais importante do que a estrutura produtiva da Bahia.

Já para a mesorregião do Vale São-Franciscano, também é destaque a alta concentração e especialização produtiva no ramo de produção alimentícia com QL de 4,55, o que reflete também a característica principal da economia da mesorregião, sobretudo pelas produções alimentícias da principal cidade da mesorregião (Juazeiro).

Na mesorregião Centro-Norte, a maior especialização e concentração produtiva se deu no setor industrial de Máquinas e Aparelhos Elétricos, com QL de 3,45. Entretanto, outros setores industriais merecem destaque com quocientes locais maiores que 1, tais como: a produção de Celulose, equipamentos de transporte, alimentos, fumo e farmacêuticos. Esta diversidade de concentrações industriais remete ao fato de a mesorregião conter cidades de perfis econômicos muito diferentes, tais como Feira de Santana (segunda maior cidade do estado) e sua região metropolitana, cuja atividade industrial apresenta variedade de grandes indústrias em diferentes ramos de atividade (Ex: Nestlé, Boticário e Pirelli).

Na mesorregião do Nordeste Baiano, as principais concentrações e especializações industriais acontecem no ramo de Bebidas, Derivados do Petróleo e Coque, Madeira e Produtos Têxteis com quocientes locais acima de 1. A mesorregião conta com um grande polo industrial de bebidas na cidade de Alagoinhas, e grande produção de eucaliptos no município de Entre Rios.

No caso da mesorregião Metropolitana de Salvador, os ramos industriais de destaque nas aglomerações produtivas são os Derivados do Petróleo, Químico, Produção de Veículos e Manutenção e Metalurgia com QLS maiores que 1, o que não representa nenhuma surpresa, visto que as principais indústrias do estado estão localizadas nesta mesorregião, a saber: Refinaria Landulpho Alves, Polo Petroquímico de Camaçari e Ford, que pertencem aos setores em questão.



A respeito da mesorregião do Centro-Sul, merecem destaque as aglomerações produtivas encontradas na Preparação de Couros e Minerais Não-Metálicos, principalmente pela pujança da indústria calçadista localizada na cidade de Itapetinga, como também das indústrias localizadas no distrito industrial dos Aimorés em Vitória da Conquista.

Por fim, na mesorregião do Sul Baiano, merecem destaque os setores de Vestuário, Celulose e Informática, com quocientes locais acima de 1. Nesta mesorregião, é encontrado um conglomerado de indústrias ligadas à área de informática na cidade de Ilhéus, além de condições geográficas propícias para a produção de celulose em cidades como Itabuna, Porto Seguro, Ilhéus e Itacaré.

A respeito do ano de 2019, os dados da Tabela 2 mostram algumas leves mudanças em todas as mesorregiões da Bahia. No Extremo Oeste, embora haja uma redução no quociente locacional, a produção alimentícia continua sendo o setor mais concentrado e especializado da mesorregião e com a estrutura produtiva mais importante na mesorregião do que na Bahia. Outros destaques no ano de 2019 para a mesorregião do extremo oeste é a maior concentração e especialização dos setores de manutenção e reparação de máquinas e dos produtos têxteis, que passar a ter $QL > 1$ no comparativo com 2010.

No que diz respeito à mesorregião do Vale São-Franciscano, há também uma redução no quociente locacional do principal setor (Produtos Alimentícios), que também é mais importante na mesorregião do que no estado. A grande novidade ao compararmos os anos referidos é o surgimento da concentração e especialização da mesorregião no setor de minerais não metálicos com o segundo maior quociente locacional.

Ato contínuo, na mesorregião do Centro-Norte, o setor de Máquinas e Aparelhos Elétricos aumentou sua concentração e especialização se comparado ao ano de 2010 pela ótica do quociente locacional. Entretanto, outros setores também tiveram maior concentração, especialização e relevância na mesorregião em comparativo a 2010: Preparação de Couros, Produtos do Fumo, Produtos Diversos, Produtos de Borracha e Plástico e Produtos de Celulose.

Já para a mesorregião do Nordeste Baiano, há um aumento da concentração e especialização em relação a 2010 no principal setor observado (Bebidas), como também no ramo de Produtos Têxteis, sendo mais relevantes na sua estrutura produtiva em



comparação com a Bahia, além da manutenção da concentração e especialização no setor produtivo de madeira. A grande novidade nessa mesorregião em 2019 se dá em relação ao setor de derivados de petróleo que apresentava $QL > 1$ em 2010 e em 2019 apresentavam tendência inversa.

Na mesorregião Metropolitana de Salvador, a estrutura produtiva se mantém praticamente inalterada com os setores de Veículos, Farmoquímicos e Químicos, Máquinas e Equipamentos e Manutenção com quocientes locacionais acima de 1, o que demonstra a sua relevância na mesorregião em comparação com a Bahia. A mudança mais significativa ocorreu no setor de Derivados de Petróleo, que apresentava $QL > 1$ em 2010 e, agora, tem tendência inversa.

Por fim, a respeito das mesorregiões do Centro Sul e Sul Baiano, os dados demonstram que há um crescimento de setores concentrados e especializados com a Preparação de Couros e Calçados no Centro Sul, de Derivados de Petróleo e Madeira no Sul. Entretanto, os setores mais concentrados e especializados se mantiveram nesse período de tempo: Vestuário no Centro Sul e Informática no Sul.

Em face do exposto, com base no índice do Quociente Locacional, é possível identificar os processos de especialização ou diversificação relativa da estrutura produtiva de uma determinada localidade geográfica em um período de tempo, além dos graus de concentração dos setores produtivos nesta mesma localidade. No escopo deste trabalho, ao proceder a análise da estrutura produtiva das mesorregiões que compõem o estado da Bahia durante os anos 2010 e 2019, identifica-se que não ocorreram alterações significativas em relação à especialização e os graus de concentração da indústria de transformação.

A mesorregião do Extremo Oeste continuou especializada e concentrada no ramo de produção alimentícia, assim como no ramo de máquinas e equipamentos, com o acréscimo da produção têxtil ao final de 2019.

A mesorregião do Vale São Franciscano manteve-se altamente concentrada e especializada na produção de alimentos durante o período observado, com o crescimento da produção de minerais não-metálicos ao final de 2019. Para a mesorregião do Centro Norte, a estrutura produtiva principal continuou sendo a produção de máquinas e aparelhos elétricos, com o acréscimo da produção de fumo e material couros ao final do



período observado. Já para a mesorregião Nordeste, a maior concentração e especialização produtiva se deu nos ramos de bebidas, madeira e produto têxteis, com queda expressiva no ramo de derivados de petróleo ao final de 2019.

A mesma queda do setor de derivados de petróleo é observada na mesorregião Metropolitana de Salvador, que manteve sua concentração e especialização produtiva no ramo petroquímico, químico, metalurgia e produção de veículos. Já para as mesorregiões do Centro Sul e Sul Baiano, os aglomerados produtivos se dão nos ramos de vestuário e couros para o Centro Sul, como também informática e celulose para o Sul.

Tabela 2 - Quociente Locacional (QL) da indústria de transformação por mesorregiões da Bahia-2019.

CNAE 2.0 Div	Extremo Oeste Baiano	Vale São-Franciscano da Bahia	Centro Norte Baiano	Nordeste Baiano	Metropolitana de Salvador	Centro Sul Baiano	Sul Baiano
Artigos de Vestuário e Acessórios	0,41	0,38	0,60	0,25	0,63	2,08	2,20
Bebidas	0,08	1,15	0,43	4,87	1,05	0,44	0,67
Celulose, Papel e Produtos de Papel	0,03	0,00	1,43	0,15	0,89	0,10	3,03
Coque, Derivados de Petróleo e de Biocombustíveis	0,00	0,00	0,70	0,81	0,78	0,00	4,41
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	0,25	0,07	0,08	0,22	0,82	0,02	5,43
Máquinas e Equipamentos	0,94	0,13	0,60	1,72	1,47	0,37	0,65
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,11	0,09	4,14	0,00	0,51	0,03	0,27
Fabricação de Móveis	0,68	0,46	1,08	0,38	1,36	0,82	0,38
Fabricação de outros	0,88	0,97	0,19	0,00	1,76	0,26	1,10



equipamentos
de transporte,
exceto veículos
automotores

				0,64				
Produtos Alimentícios	2,54	3,62	0,83		0,72	0,88	1,50	
Produtos de Borracha e Material Plástico	0,40	0,18	1,53	0,12	1,36	0,49	0,41	
Produtos de Madeira	0,68	0,18	0,32	2,99	0,76	0,91	2,36	
Produtos de Metal, exceto Máquinas e Equipamentos	1,36	0,43	0,72	0,73	1,42	0,74	0,47	
Produtos Minerais não-metálicos	1,19	1,15	0,79	1,39	0,86	1,39	1,00	
Produtos Diversos	1,09	0,97	1,61	0,48	0,95	0,79	0,79	
Produtos do Fumo	0,00	0,00	1,97	1,75	1,29	0,00	0,00	
Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	0,00	0,00	1,08	0,00	1,92	0,00	0,00	
Produtos Químicos	0,88	0,12	0,35	0,11	1,88	0,41	0,35	
Produtos Têxteis	1,35	0,25	0,49	4,55	0,98	0,42	0,91	
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	0,42	0,11	0,13	0,04	2,22	0,09	0,08	
Impressão e reprodução de gravações	1,30	1,19	0,77	0,84	1,14	0,85	1,01	
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	2,30	0,43	0,45	0,11	1,70	0,17	0,72	
Metalurgia	0,08	0,01	0,83	0,01	1,99	0,06	0,01	



Preparação de Couros e artefatos para viagem e calçados	0,00	0,00	1,73	1,87	0,25	2,62	0,38
---	------	------	------	------	------	------	------

Fonte: Elaboração própria a partir de RAIS (2019).

5. Considerações Finais

Este artigo teve como principal finalidade analisar as aglomerações e concentrações industriais do estado da Bahia nos anos de 2010 e 2019 a partir de uma metodologia bastante difundida e utilizada na análise regional pelo cálculo dos Quocientes Locacionais.

Não obstante, para a compreensão da análise proposta, a fundamentação teórica utilizada discorreu sobre o desenvolvimento regional em dois aspectos distintos, porém com similaridades: a teoria dos polos industriais de Perroux e a teoria dos encadeamentos de Hirschman, que buscavam discutir a importância e os impactos causados pela indústria no processo de desenvolvimento de uma determinada região.

Ato contínuo, a partir do lastro teórico foi possível compreender a trajetória histórica da industrialização da Bahia, pautada principalmente a partir dos anos 1950 na busca por uma solução para o entendimento de porquê o estado naquela ocasião estava tão atrás em relação ao resto do país no tocante ao seu processo de desenvolvimento (a literatura chamou este processo de Enigma Baiano), e logo em seguida, pela ação governamental nas políticas de planejamento e estímulo à industrialização concentrada, sobretudo, na Região Metropolitana de Salvador e nos ramos químico e petroquímico. Ao longo do tempo e por diferentes governos, foram feitas tentativas de desconcentração produtivas de modo a “interiorizar” a economia baiana, pois, embora tenham ocorrido algumas iniciativas de sucesso, a Bahia não perdeu a sua principal característica adquirida desde o início do seu processo de industrialização, mesmo que ainda tivesse passado por dificuldades, principalmente nos anos 1990 e na segunda década dos anos 2000.



A partir da classificação das atividades econômicas e da divisão geográfica por mesorregiões, com o procedimento do cálculo do Quociente Locacional para os anos de 2010 e o de 2019 e suas respectivas comparações, foi possível detectar as principais concentrações e especializações de atividades produtivas nessas mesorregiões.

Como principais resultados obtidos, é possível inferir que no intervalo 2010-2019 não ocorreram mudanças significativas nas aglomerações produtivas nas mesorregiões mantendo, assim, as suas características produtivas históricas: no extremo oeste, a produção de alimentos (com o acréscimo da manutenção e reparação de máquinas e do ramo têxtil); no Vale São-Franciscano, a produção de alimentos e os minerais não-metálicos; no centro-norte, com as máquinas e aparelhos elétricos (acrescidos dos produtos de fumo e couros); no nordeste, com os ramos de bebidas, madeira, fumo e têxtil, na metropolitana de Salvador com os ramos químico, petroquímico e metalurgia; no centro-sul, com o ramo de vestuário e calçados e no sul com o ramo informático e de celulose.

Chama atenção a queda de relevância do ramo de derivados do petróleo pelo quociente locacional em mesorregiões historicamente importantes do estado da Bahia, tais como, a Metropolitana de Salvador e Nordeste Baiano, que podem estar correlacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo setor ao longo da segunda década do século XXI, já relatadas na introdução deste trabalho.

Por fim, iniciativas como este trabalho pretendem fornecer diagnósticos precisos no tocante às configurações produtivas das mesorregiões do estado da Bahia, de modo a subsidiar políticas públicas efetivas de desenvolvimento regional na medida de suas reais potencialidades e especializações para os anos futuros.

6. Referências

ALCOFORADO, F. A. G. **Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia**. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional) - Universidade de Barcelona, Barcelona, 2003.

ALMAS, R. S; SOUTO, L. G. Aglomeração e polarização econômica do Setor de Serviços no estado da Bahia. **Reflexões de Economistas Baianos-Edição 2022**, Salvador, 2022. p.115-156.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. Salvador: **SEI**, v. 27, 2014.



BALANCO, P; NASCIMENTO, M. X. do. Uma análise exploratória da desconcentração e da reestruturação da indústria baiana no período 1990-2000. **Revista Desenhahia**, Salvador, n.3, v.2, 2005. p. 35-59.

CARVALHO JÚNIOR, C. V. de; FIGUERÔA, E. S. B.; FILGUEIRAS, L. A. M. O processo de desindustrialização na economia brasileira e o seu impacto e significado no estado da Bahia. **Reflexões de Economistas Baianos-Edição 2012**, Salvador, p. 303-332, 2012.

CAVALCANTE, Luiz Ricardo. Maturidade tecnológica e intensidade em pesquisa e desenvolvimento: o caso da indústria petroquímica no Brasil. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 5, pp. 121-143, 2008.

FILGUEIRAS, L. A. M. *et al.* O desenvolvimento econômico brasileiro recente: desindustrialização, reprimarização e doença holandesa. **Revista Desenhahia**, Salvador, n.17, v.9, p. 119-154, 2012.

GUERRA, Oswaldo; TEIXEIRA, Francisco. 50 anos da industrialização baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Revista Bahia: Análise & Dados**, Salvador, v. 10, pp. 87-98, 2000.

HIRSCHMAN, A. O. **Estratégias de Desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura, 1961.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto Brasil, Nordeste e Bahia 2005, 2010, 2015, 2019**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>. Acesso em: dezembro 2022.

KELLER, P. F. Clusters, distritos industriais e cooperação interfirmas: uma revisão da literatura. **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 8, p. 30-47, 2008.

LEFEVBRE, H. **Direito a Cidade**. São Paulo. Centauro, 2001.

LIMA, A. E. M. A teoria do desenvolvimento regional e o papel do Estado. **Revista Análise Econômica**, v. 24, n. 45, Porto Alegre, pp. 65-90, 2005.



MALUF, R. S. Hirschman e a dessacralização da epopeia do desenvolvimento por um desenvolvimentista. **Revista de Economia Política**, v. 35, n. 1 (138), pp. 43-63, janeiro-março/2015.

MARSHALL, A. **Princípios de economia**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1982.

MENEZES, V. O comportamento recente e os condicionantes da evolução da economia baiana. **Revista Tendências da Economia Baiana**, Salvador. Série Estudos Estratégicos, p. 469-481, 2000.

OCAMPO, J. A. Hirschman, a industrialização e a teoria do desenvolvimento. **Revista Economia Ensaios**, Uberlândia (MG), v. 27, n. 2, p. 17-28, jan./jun. 2013.

PERROUX, F. **A economia do século XX**. Porto Alegre: Herder, 1967.

PESSOTI, G. C.; SAMPAIO, M. G. V. Transformações na dinâmica da economia baiana: políticas de industrialização e expansão das relações comerciais internacionais. **Revista Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n. 162, pp. 36-49, 2009.

PESSOTI, G. C.; PESSOTI, B. C. A economia baiana e o desenvolvimento industrial: uma análise do período 1978-2010. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.12, n.22, p. 28-48, 2010.

PESSOTI, G. C.; PESSOTI, F. C. L. Panorama Econômico da Bahia no século XXI. **BNB-Conjuntura Econômica**. Fortaleza, v.1, p-393-417, 2020.

PORSSE, A; VALE, V. **Medidas de Localização, Especialização e Concentração**. Material de estudos do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional (NEDUR)-2020. Disponível em: <https://nedur.ufpr.br/>. Acesso: 2 dez. 2022.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. **Emprego Formal da Indústria de Transformação da Bahia por mesorregião 2010, 2019**. Disponível em: <https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso: 2 dez. 2022.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Conjuntura Bahia/Brasil 2021**. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2191&Itemid=184. Acesso: 4 ago. 2022.



SIMÕES E LIMA, R. F. **Localização industrial e relações intersetoriais**: uma análise de *fuzzy cluster* para Minas Gerais. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade de Campinas, 2009.

SOUZA, N. de J. **Desenvolvimento econômico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

TAVARES, L. H. D. T. **História da Bahia**. Centro Editorial e Didático da UFBA. Salvador, Bahia, 1974.

UDERMAN, S. A indústria de transformação na Bahia: Características gerais e mudanças estruturais recentes. **Revista Desenhahia**, Salvador, n.3, v.2, p. 7-34, 2005.

WANDERLEY, L. A.; SANTOS, N. C. A.; PORTUGAL, W. B. Um estudo de dinâmismos setoriais por mesorregiões do Estado da Bahia no intervalo entre 2006 e 2012 através do modelo shift-share analysis. **Revista Nexos Econômicos**, v. 8, n.1, p. 81-122, 2014.

WANDERLEY, L. A.; LAGES, A. M. G. Novas estratégias de desenvolvimento regional: elementos para reflexão. **Revista Bahia: Análise & Dados**, Salvador, v. 14, n. 3, pp. 463-471, 2004.